

EDUARDO MONDLANE:
FONTOS PARA UMA PERIODIZAÇÃO DA TRAJECTORIA DE UM NACIONALISTA
(1940-1961)

TERESA CRUZ E SILVA
ALEXANDRINO JOSE

1-INTRODUÇÃO

Freqüentemente retratado como "Homem político", "líder nacionalista", ou "intelectual", ao longo de várias décadas, Eduardo Mondlane, continua, não obstante isso, uma figura ainda substancialmente desconhecida pelos que o reivindicam como sendo o seu melhor modelo de protagonista histórico, ou eminente personalidade da vida intelectual.

Vinte anos passados depois do seu assassinato, Mondlane, é ainda uma figura de inegável actualidade histórica e um protagonista fino e apaixonante.

Escrever Mondlane, é uma tarefa árdua, mas honrosa, como teremos oportunidade de constatar no desenvolvimento deste ensaio.

A série de textos que pretendemos apresentar, é o resultado de um trabalho de pesquisa inicial sobre Mondlane, na perspectiva de levar a conhecimento público alguns aspectos pouco divulgados da trajectória daquele, que veio a ser o primeiro Presidente da FRELIMO. Estamos certos que, a sua leitura despertará a memória daqueles que foram seus companheiros de infância, colegas de estudo ou trabalho e camaradas na luta. Estamos também claros, que as nossas interpretações serão alvo de controvérsias diversas, aspectos que poderão ser extremamente salutareis para o enriquecimento deste estudo.

Para a elaboração deste trabalho utilizámos fontes escritas: cartas, entrevistas publicadas e outros documentos escritos, bem como algumas fontes orais, nomeadamente entrevistas feitas a algumas das pessoas que privaram, com Mondlane ou o conheceram de perto, ao longo deste período que vamos tratar, numa tentativa de situar a nossa personagem no sistema colonial em que viveu e cresceu e no quadro duma Igreja reprimida, contestada e contestatária, que lhe proporcionou um determinado tipo de educação, aspectos que contribuíram para forjar a sua personalidade. Contudo, estas fontes, aspecto de que trataremos mais a frente, de certo modo contribuíram para a limitação da nossa análise a um quadro estreito, que pretendemos alargar no processo de desenvolvimento da nossa pesquisa.

O período por nós escolhido, abrange sensivelmente os anos que decorrem entre 1940-1961.

Escolhemos o ano de 1940, porque do nosso ponto de vista representa uma fase de maturidade política na vida de Eduardo Mondlane. A década de 60, tão cheia de significado político para os povos de África, marca também uma viragem decisiva na sua vida, onde a visita a Moçambique, em 1961, tem um peso significativo. No entanto, o período que decorre entre 1951-1961, aparece-nos ainda bastante lacunar, pela impossibilidade física de consultarmos a documentação depositada em arquivos existentes em outros países, e de acesso a outras fontes. Embora o período anterior a 1940, esteja fora do tratamento do nosso texto, não poderíamos deixar de referir que existem muito poucas informações escritas sobre o mesmo, e que é urgente proceder rapidamente a registos orais deste período da vida de Mondlane, sob o risco de que o tempo vá encurtando a memória dos que com ele viveram, e talvez mesmo o risco de se perderem uma boa parte das informações referentes a esta fase.

Por forma a não perdermos a riqueza de algumas informações recolhidas sobre a vida de Eduardo Mondlane, preencheremos algumas partes do nosso texto com extractos de entrevistas, relatos ou outro tipo de documentação. Deste modo, começaremos o nosso trabalho com uma breve trajectória da vida de Eduardo Mondlane, feita na base de extractos de duas entrevistas feitas por nós, ao professor André-Daniel Clerc, nos dias 21 de Outubro e 1 de Novembro, em Lausanne, na Suíça. Esta informação será complementada por uma cronologia da vida do nosso protagonista, onde anotamos os principais factos do seu itinerário, seguindo-se a periodização por nós proposta, a análise período a período, e um capítulo final contendo uma análise de carácter metodológico e as hipóteses e propostas de trabalho.

2-ITINERARIO DE EDUARDO MONDLANE

2.1-Notas Introdutórias

Existem algumas biografias e auto-biografias publicadas, sobre ou de Eduardo Mondlane, focando sobretudo a sua infância e juventude. Do mesmo modo, há entrevistas e numerosos artigos abordando a personalidade e obra de Mondlane (1). A maior parte delas, são predominantemente cronológicas, evocativas ou episódicas, fazendo uma problematização incorrecta das fontes. Qualquer que seja a sua perspectiva, é possível em traços gerais, fazer o roteiro de Mondlane, enfatizando mais este ou aquele aspecto, e complementando as informações existentes com outras fontes disponíveis.

A base que está subjacente a proposta de periodização que mais a frente iremos apresentar, tem também as suas raízes nas auto-biografias a que tivemos acesso, e na leitura de alguns dos artigos que retratam a vida e a obra de Mondlane, e que nos

permitiram reconstruir a sua trajectória. Contudo, achamos que seria importante iniciar este trabalho com a opinião do professor André-Daniel Clerc, que foi afinal o "tutor" e conselheiro de Mondlane, durante uma parte importante do período que vamos tratar.

Entre Mondlane e Clerc, foi-se aprofundando ao longo dos anos de convivência, a amizade e o respeito. Contribuiu para isso, a inteligência e a vontade firme de Mondlane de querer saber sempre mais.

Mondlane recebeu uma educação religiosa, com uma base profundamente humanista. No entanto, teve a clareza necessária para analisar a estreiteza da visão do mundo e prática social da Igreja em Moçambique e construir um projecto mais amplo de libertação do seu povo, causa pela qual morreu. Não foi fácil chegar a este ponto, foi necessário estudar muito e trabalhar.

No processo de busca incessante do saber, Eduardo Mondlane conseguiu ultrapassar as barreiras das fronteiras nacionais, com o seu trabalho, com a sua dedicação, e hoje, é considerado herói em todos os continentes. Passados que foram já, 20 anos da sua morte, e muitos mais, desde que ele começou a destacar-se na "Missão Suíça", é mais fácil analisar o seu trabalho, reconhecer o seu valor. Contudo, não foi fácil, para a geração dos missionários mais velhos da Missão Suíça, que viram crescer o pequeno pastor, ou o estudante da universidade de WITS, aceitar que Eduardo Mondlane, se tivesse tornado no Presidente de um movimento que fazia luta armada, quando eles haviam imaginado para ele, um projecto de trabalho em obras sociais, para a paz. Mas o reconhecimento da necessidade de fazer a guerra para obter a paz, acabou por vir.

Os extractos de duas entrevistas realizadas com André-Daniel Clerc, mais do que as nossas palavras, ilustram o respeito e o carinho que o nome de Eduardo Mondlane transporta, reflectindo evidentemente, o ponto de vista de alguém que deu toda a sua vida para a construção do trabalho de uma Igreja. Neles, podemos sublinhar o seu percurso, desde a sua chegada a Lourenço Marques, passando por Ricatilha, Cambine, Gaza, Africa do Sul, Lisboa, Suíça, Estados Unidos da América e o reencontro com Lourenço Marques e Gaza, em 1961. Parece-nos extremamente bem sublinhado, nas palavras de Clerc, o problema das patrulhas, da educação e dos trabalhos de carácter social da Igreja, e o envolvimento de Mondlane neste processo, bem como alguns aspectos que marcam a sua personalidade, como por exemplo a vontade inquebrável de querer saber sempre mais, e o seu alto sentido de responsabilidade.

2.2-A leitura feita por André-Daniel Clerc

"(...)Mondlane chegou a nossa casa, porque trabalhava no Hospital da Missão Suíça, e lavava roupa suja, ligaduras da sala de operações, e cantava, cantava tanto que na sala de operações vizinha ficavam aborrecidos.

Uma das enfermeiras, chegou a nossa casa, e disse: temos cá um rapaz inteligente, que canta sempre, mas ele quer estudar. Talvez pudesse viver consigo. Ele veio, bastante vivo, e com pouca exactidão no que diz respeito as horas. Para nós suíços, o relógio é uma coisa importante...é que nós com a hora, francamente, éramos um pouco rígidos...

E ele trabalhava a limpar o quintal, e ia a escola, a terceira elementar, mas também lidava bastante com as nossas filhas, e as escondidas aprendeu francês, porque eu não queria que falassem francês em nossa casa, por causa da autoridade...desnacionalizava e tudo isso.

Fomos a Suíça, não ficou muito tempo connosco. Nessa altura, ele foi a Ricatilha, para o curso de catequistas, fez a 4a. classe ensinando em Ricatla. Nós voltamos da Suíça em 36/37, e ele veio trabalhar comigo como instrutor.

Em 36/37, foi construída a pequena escola de 3 salas que temos em Khovo, e ele habitava lá, nos corredores. Não me lembro se comia em nossa casa, ou não, mas tinha contactos com ele cada dia, acerca das patrulhas. Foi aí que muitas coisas se fixaram. Já tínhamos começado anos antes, mas ele também tinha as suas ideias, e discutia comigo.

Foi catequista da região, que nós chamamos Polana. Mas Polana, no mato, enfim, lá no mato, e Laulane também, que é um pouco além. E, duas, três vezes por semana, ia até Laulane, para trabalhar com os adultos e também com as patrulhas de rapazes. Foi neste momento que tivemos bastante contacto, e que colaborámos com satisfação, dele e minha também. E já entre os outros colegas, ele marcava, era original, não é? Não tinha muitos diplomas, mas tinha a 4a. classe, e diploma de catequista, mas contudo, marcava.

Uma vez que houve uma assembleia de missionários, naquele tempo, das missões protestantes do Sul do Save, enfim, desde Inhambane até ao Distrito de Lourenço Marques, pediram-me para fazer uma palestra sobre as patrulhas. E o missionário americano depois disse-me: Olha, Sr. Clerc, venha a Inhambane, a Cambine, perto de Inhambane, que eu desejava começar as patrulhas lá. Mas precisamos também de um instrutor. Na mesma altura, o Eduardo estava com uma vontade de ir adiante, mas nós não podíamos. Licei, naquele tempo, não tínhamos fundos, não tínhamos bolsas, não tínhamos nada(...). Notei que ele ficava...com um certo mal-estar. Ele disse-me que queria estudar mais. Bem, mas homem de vinte e tal anos, estudar naquela época, parecia muitíssimo difícil, se não impossível.

Eu sugeri-lhe que fosse fazer um estágio na Missão Americana Metodista de Cambine. E foi, dois anos. E, as escondidas, seduziu uma velha missionária que lhe deu lições de inglês. Ele voltou de Cambine, falando inglês, lendo inglês.

Encontrámo-nos numa reunião de acampamentos de professores, e ele

falou comigo em particular, mas também com o seu antigo professor, o Casimiro Mathié, que está em Chicumbane, agora. E o Casimiro disse: olha, você agora está a trabalhar. Deves trabalhar na tua igreja. E ali que Deus te quer.

Francamente, fazer dele uma pessoa muitíssimo ferida, contrariada, na minha mentalidade não sou assim. E, disse-lhe que falaria com a gente grande da Igreja, com Pastores, etc. E na reunião de Pastores apresentei o caso. Conheciam bem Mondlane, e tinham-me dito: podíamos fazer a prova, pô-lo a prova, quer dizer, que faça um trabalho de catequista num lugar afastado, a ver se é só por ambição pessoal que quer ter diplomas, situação, claro, boa, ou se é para serviço do seu povo e do seu Senhor.

Quando falámos com os Pastores, não gostaram muito daquela coisa... Mondlane, quem é Mondlane? ninguém conhece Mondlane! e... o que é que ele quer fazer com isso? Enfim, não havia grande entusiasmo.

Foi assim que dissemos, pode ser posto a prova, um ano e meio, ou talvez dois anos, na pequena Igreja perto de Manjacaze. Foi posto ali, e começou ali, em frente de um pequeno grupo de cristãos.

Havia uma grande escola católica, cujo professor bebia muito. Tinha 200-300 alunos, não sei não, uma monstruosidade. E Eduardo foi ter com o professor, não sei se ele lhe disse, sou Chivambo... conhecem a história de Chivambo? Chivambo era um grande chefe dos Mondlane... e ele, certamente deve ter dito: Eu sou Chivambo, agora dê-me os alunos cristãos protestantes, isso há-de melhorar a sua escola. E, obteve. Fez a escola dele as escondidas. Ninguém foi denunciá-lo, nem ao padre, nem ao governo, ninguém!

Ele teve a sua escola, em parte na agricultura, parte na escola primária, e também cuidou das famílias, das mulheres abandonadas, de toda a gente, com tanta devoção cristã, e tanto saber fazer, tanta delicadeza, que depois de um ano e meio, ele disse: "agora, vou-me embora... salani kwatsi".

Todas as mulheres choravam... e então, teve o testemunho de todas as Igrejas da região de Manjacaze, Maússe.

Então, teve autorização nossa de ir estudar na escola de Lemana. Era a primeira estação missionária, do primeiro missionário suíço no Transvaal do Norte. Ao mesmo tempo, ele era catequista, ao Sábado e Domingo, de uma Igreja que lhe pagava a sua manutenção, as suas despesas lá, de modo que ele ganhava a sua vida, sendo estudante lá.

Teve no início, momentos bastante difíceis, porque os outros, faziam troça dele, da sua maneira de contar, com o sistema métrico, com o seu curso, com o seu inglês. Claro, que não estava exactamente ao mesmo nível deles, mas depois ele ganhou. Revelou aos outros que ele era capaz, e fez a "matrick" depois em 4 anos. Ganhou um ano, ou dois, não sei... e passou a sua "matrick". E

foi, não me lembro se 6 meses ou algum tempo a uma escola de trabalhadores sociais, mas depois de alguns meses, ele escreveu-me: não, essa escola não vai, são alunos que fizeram só o 5o.ano. Eu gosto de uma coisa de nível universitário. Discutimos a coisa, e foi para a universidade.

Em 48 apareceu o apartheid, apareceu a policia a vereficar todos os estudantes de cor na universidade. Mondlane teve que sair, mas um grande número de estudantes da Universidade uniram-se em protesto contra isso.

Ele veio para a nossa casa, e desta vez, já não era um pequeno serviçal, já era, o quase... não Dr., mas enfim, o estudante! e falávamos, e falávamos!

E a Universidade, o que é absolutamente excepcional, escreveu-me dizendo: Mondlane deve continuar os seus estudos do 1o. ano. Mandamos os livros, mandamos os documentos necessários para que possa passar no seu exame do 1o. ano. Então estudou em nossa casa, dei-lhe um quarto lá em cima. Claro que via também gente, parte dos amigos, por ali. Do consulado da Africa do Sul... receberam um aviso da Universidade, um aviso de que Mondlane estava lá em casa e podia fazer o exame do 1o.ano. E assim, Eduardo fez o seu exame e passou. E depois, não podia continuar o 2o.ano dessa maneira! E toda a gente dizia: o melhor agora é nos Estados Unidos. E não se peimúria bem da conversa que em português. O teu português não te leva muito longe e há-de ter relações com o mundo em Moçambique. O teu português não é suficiente. Vá lá passar um ano a Portugal, na Universidade de Lisboa. E Eduardo foi. Isto devia ser no ano 49.

Quando Mondlane veio da Africa do Sul, a FIDE apareceu em minha casa, e eu tinha ido com Mondlane, uma primeira vez, a um encontro de missionários na região de Inhambane. Na noite seguinte, quando voltámos, a FIDE chegou, e pediu ao Sr. Mondlane para o acompanhar. Meteram-no num quarto fechado, que não era o calabouço, e ali teve de falar com o grande homem da FIDE.

Em Lisboa ele meteu o requerimento, e estavam absolutamente tomados de surpresa, porque não tinha o 7o.ano, português, mas tinha o 1o. ano da Universidade. Isto estava fora dos regulamentos.

Chegou lá, devia ser o mês de Julho, ou Maio ou Junho, não sei, porque Eduardo tinha trabalhado, ficou Fevereiro, Março, Abril, etc, e acompanhou o missionário ilustre, em Moçambique, que propagou a alfabetização, o Leubach.

As portas em Lisboa, só se abriam em Outubro. Eduardo tinha que fazer qualquer coisa, e ele disse, então vou a Suíça. E veio para cá, e o livro Chitlangou (2) acabava de sair. E é nesse momento que o meu grande amigo, que me animou muito para escrever o livro Chitlangou, veio a procura de Mondlane, aqui em Lausanne, e levou-o ao grande encontro de todos os instrutores suíços, lá

perto de Neuchâtel, e apresentou Chitlangou, e disse:este é Chitlangou, em carne e verdade.E foi um grande sucesso. E ele foi visitar as maiores Igrejas aqui da Suíça, e tinha uma figura de herói, e ao mesmo tempo de vítima de um sistema sulafricano, da política sulafricana.

Em Lisboa fez o primeiro ano, apesar de não ter feito o liceu português, e quando quis tomar o avião para a América, teve problemas com a PIDE.Depois, foi para os Estados Unidos, para um colégio, e lá também marcou, e foi depois admitido na Northwestern University.Quando fui lá, para falar com Mondlane, um dos professores perguntou-me:vocês, como é que fazem para nos apresentar homens de tal vulto, tais capacidades, personalidade tão rica?

Tornei a visitar Mondlane nos Estados Unidos, quando ele tinha acabado os seus estudos, era Doutor já.Fui lá, e fui recebido pelos Mondlane e pelos dois filhos deles.

Zedequias Manganhela, como superior da Igreja, vinha de vez em quando para a Suíça, e uma vez encontrou-se com Mondlane, eles eram velhos amigos.Houve grande excitação, havia perigo para Manganhela.Assim, foi arranjado um encontro entre eles num chalé, bastante longe, no Jurá.

Mondlane trabalhava para as Nações Unidas, e ele pediu-me que a sua família pudesse ser recebida em nossa casa.Era filho da casa.Preparamos um pequeno aposento lá no Khovo, onde existe um escritório, lá em baixo, na antiga sala de operações, e ela veio primeiro.O Eduardo devia passar por Angola. Veio no avião de Angola.No mesmo avião, havia uma personalidade portuguesa de certo alcance, e a imprensa estava lá para o receber.Quando souberam que Mondlane estava lá, abandonaram o português, para se chegarem a Mondlane.Francamente, foi uma surpresa para mim.Surpresa, porque eu não suspeitava que no mundo português houvesse tantas simpatias, para Mondlane e para a Missão Suíça.

Nos dias seguintes, quando ia a baixa com a mulher e os filhos, a circulação parava! todo o mundo africano queria vê-los.Lembro-me, que ele foi a "Minerva Central", e toda a rua lá, ficou parada.Havia 200 ou 300 pessoas que queriam vê-lo, observá-lo:é a nossa gente! é nosso!

Nós não suspeitávamos que Mondlane fosse tão conhecido.

Na Igreja, fez uma pregação.Devia ser no Khovo, e afinal fomos a Chamanculo.E havia fileiras de gente, fora, correspondendo a cada janela.Dentro estava cheio, e eu fiquei fora.Perdi quase tudo daquilo que Mondlane disse, mas eu queria saber se havia qualquer...podia rezear qualquer manifestação, de dois ou três excitados, ou mesmo uns pagos pela PIDE para fazer distúrbios, mas as coisas andaram bem.

Quando estavam em nossa casa, eram muitas vezes convidados para aqui e ali.Fomos a Ricatilha, e eles foram depois para

Máchekahomu, a casa do primo que era régulo.

Vi o Eduardo Mondlane, pela última vez, em 68. Tinham passado anos! ele já estava na Tanzania, não é? Quando voltámos, encontrámos o nosso filho gravemente doente, com um cancro nos pulmões. E Mondlane veio visitá-lo. Era, enfim, o irmão mais novo. O nosso filho morreu umas semanas depois, e Mondlane mandou um telegrama, dizendo: parece impossível!... Gostava dele, não é? Gostava dele... gostava! Também com as nossas filhas em criancinhas era assim.

Nos últimos anos em que eu estive em Moçambique, 67/68, tinha que tratar com a PIDE. E o homem da PIDE, perguntou-me: o senhor conhece o Dr. Mondlane?

digo: pois é, conheço muito bem. Foi educado em minha casa.

E então, o que é que pensa da situação?

eu disse: nós, preparamos o Mondlane para vir trabalhar, ser obreiro no trabalho social, nesta cidade de grandes problemas, que é a cidade de Lourenço Marques, nos bairros indígenas. Lá comprámos um terreno, comprámos uma casa e estamos a espera dele. No entanto não vem, mas estamos a espera dele. Ele queria apanhar-me dizendo que não conheço Mondlane. E assim mesmo, é o destino de Mondlane. Como chefe de Estado, de um Governo, devia ser dos melhores de Africa. Bem preparado, intelectualmente e espiritualmente, com atenção as responsabilidades.

Com a FRELIMO e a guerra que começou, tudo isso ficava completamente suspenso, e pensávamos que depois da guerra, Mondlane estaria no governo.

Posso dizer, que em 68/69, a minha mulher e eu perdemos o nosso filho de carne, e o filho do nosso espírito. Ambos deixam lembranças inesquecíveis. Mondlane foi filho espiritual, foi inteligente, foi criador, foi um exemplo(...)"

(extractos da entrevista realizada por: Teresa Cruz e Silva e Alexandrino José, a André-Daniel Clerc, Lausanne, 21 de Outubro e 1 de Novembro de 1985).

3-BREVE CRONOLOGIA DA VIDA DE MONDLANE

Ao apresentarmos esta pequena cronologia, não pretendemos trazer uma "antologia de datas" da vida de Eduardo Mondlane, mas apenas, como já referimos anteriormente, sublinhar marcos importantes da vida de Mondlane, geralmente utilizados na elaboração da sua trajectória política, social e cultural, um complemento, modesto embora, a entrevista de Clerc, que permita uma melhor compreensão da trajectória de Mondlane, e sirva de base para corroborar ou não, as teses que mais a frente iremos desenvolver.

1920

-20 de Junho: nascimento de Eduardo Chivambo Mondlane, em Khambani, Distrito de Manjacaze.

1932/33

- ingresso na escola primária
- falecimento da sua mãe
- "ensino rudimentar", em Maússe, Manjacaze

1936/37

- Mondlane vai para Lourenço Marques, numa tentativa de estudar no ensino nocturno
- trabalha no Hospital da "Missão Suíça", lavando ligaduras da sala de operações, e varrendo o quintal.
- arranja um lugar de empregado doméstico, em casa do professor André-Daniel Clerc (Missão Suíça), e continua os seus estudos.
- vai para Ricatilha, para o curso de catequistas, onde ensina, ao mesmo tempo que conclui os seus estudos primários.
- volta para Lourenço Marques, onde vem trabalhar como instrutor de patrulhas e catequista.

1937/40

- Residindo no Khovo, era catequista das regiões da Polana e Laulane, e colaborador do professor Clerc no trabalho das patrulhas da juventude.

1940/42

- Estágio na Missão metodista americana de Cambine, em Inhambane, onde faz um curso de agricultura de sequeiro e trabalha com as patrulhas da juventude. Aqui aprende inglês, estuda música e ganha o gosto pela leitura.

1942/1944

- trabalha no Distrito de Manjacaze, em Dingane, onde tem a seu cargo uma escola clandestina, jovens, mulheres e velhos abandonados, e onde trabalha junto da população, até a obtenção da autorização para continuar os seus estudos.

1944/47

- faz os estudos secundárias no Transvaal do Norte, Lemana, ao mesmo tempo que trabalha como catequista, para subsidiar os seus estudos.
- Em 1945, é eleito "Chairman" da Students Christian Association, em Johannesburgo.

1947/48

- matricula-se no Jan Hofmayer School of Social workers, em Johannesburgo, um curso para trabalhadores da área social.

1949

- passa as suas férias em Moçambique, onde em Lourenço Marques tem contactos com os estudantes secundários, impulsionando a fundação do NESAM(Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique).
- regressa a Africa do Sul, onde frequenta a Universidade de Witwatersrand, num curso de ciências Sociais.
- expulso da Africa do Sul, pelo governo de Malan, quando termina a sua permissão de residência temporária;
- regressa a Lourenço Marques, onde habita num quarto em casa de Clerc, esperando a resolução do seu problema.
- Neste período, Mondlane é detido pela policia secreta portuguesa (PIDE), e submetido a um interrogatório
- Mondlane consegue realizar com sucesso os seus exames do 10.º ano, uma vez que a Universidade lhe enviou os livros necessários para que ele pudesse estudar as matérias, bem como as provas de exame.

1950/51

- no meio tempo em que aguardava a alternativa para prosseguir os seus estudos, Mondlane desenvolve trabalho para a Missão Suíça, e trabalha na difusão do método Laubach, para a alfabetização das populações.
- Mondlane embarca para Lisboa, para prosseguir os seus estudos na Faculdade de Letras de Lisboa
- Faz uma visita a Suíça, onde se torna popular, simultaneamente herói e vítima do racismo sul-africano, uma vez que a sua viagem coincide com o lançamento do livro "Chitlangou, fils dun chef", que conta a vida de um pequeno pastor africano, na base da autobiografia de Mondlane.
- Em Lisboa, Mondlane mantém contactos com personalidades políticas africanas, como Agostinho Neto, Mário de Andrade, Amílcar Cabral e Marcelino dos Santos, entre outros.
- Em 1951, findo o ano lectivo, e depois de receber uma bolsa de estudos para os Estados Unidos, Mondlane parte, depois de uma tentativa da PIDE Impedir o seu embarque.

1951/57

- frequenta o Oberlin College, em Ohio, e a Northwestern University em Evanston, Illinois, onde obteve o bacharelato, a licenciatura e o Doutoramento em Sociologia e antropologia.
- neste período, casa-se com Janet Ray Mondlane.

1957/61

- Em 1957, é convidado pelas Nações Unidas para ocupar um lugar no Departamento de Protectorados, ligado aos territórios dos protectorados do Tanganica, Camarões Ingleses e o Sudoeste Africano. Mantém, neste lugar, contactos regulares com diplomatas portugueses e personalidades políticas, entre as quais se destaca Julius Nyerere.
- Em 1961, vai de férias a Moçambique, após quase 10 anos de ausência, onde mantém diversos contactos com moçambicanos. Depois

desta viagem, Mondlane deixa definitivamente as Nações Unidas, aceita temporariamente o cargo de professor na universidade de Syracuse, em Nova York.

-Liga-se ao processo de libertação em Moçambique, e em 1962 é eleito Presidente da FRELIMO.

4-PROPOSTA PARA UMA PERIODIZAÇÃO DA VIDA DE EDUARDO MONDLANE(1940-61)

"EU LOCALIZO O MEU INTERESSE POR POLÍTICA NA MINHA PRIMEIRA INFANCIA, QUANDO AS MINHAS MÃES (3) COSTUMAVAM FALAR ACERCA DA OPRESSÃO SOB A QUAL VIVIAM, PERPETRADA PELOS COLONIALISTAS PORTUGUESES. LEMBRO-ME CLARAMENTE DAS MUITAS OCASIÕES EM QUE OS MEUS IRMÃOS TIVERAM QUE FUGIR PARA A AFRICA DO SUL, PARA EVITAR SEREM FORÇADOS A TRABALHAR PARA OS AGRICULTORES LOCAIS PORTUGUESES OU PARA OS DONOS DAS PLANTAÇÕES, OU AINDA PARA O PRÓPRIO GOVERNO, POR UM SALÁRIO IRRISÓRIO.(...) ÀS MULHERES DEIXADAS EM CASA TINHAM QUE PROVER A SI PRÓPRIOS O MELHOR QUE PODIAM, ELAS FORAM VÁRIAS VEZES PRESAS E MANDADAS PARA A CADEIA PELAS AUTORIDADES PORTUGUESES, PORQUE OS SEUS FILHOS QUE ESTAVAM NA AFRICA DO SUL NÃO MANDAVAM OS SEUS IMPOSTOS ANUAIS(4)".

O extracto que acabámos de citar, de uma auto-biografia de Eduardo Mondlane, ilustra melhor que qualquer outro texto, como o próprio sistema colonial, concebido para explorar e reprimir um povo, através dos seus métodos desumanos conseguiu criar no seio desse mesmo povo uma consciência política, que ao longo dos anos de dominação se foi transformando e consolidando, até a fase de movimento de libertação nacional.

A nossa proposta de periodização, pretende assim estudar Eduardo Mondlane dentro do contexto histórico em que ele viveu, duplamente discriminado pelo sistema colonial, por um lado por ser moçambicano, e por outro lado por ser membro de uma Igreja que foi também vítima do sistema colonial (Igreja Presbiteriana), e igualmente discriminado pelo governo de Malan na África do Sul, sem esquecer as suas vivências em outros continentes.

Não é o nosso objectivo fazer uma arrumação de datas importantes, mas propor diferentes períodos na vida de Eduardo Mondlane, que nos permitam explicar algumas transformações operadas na sua vida, e razões de tais transformações, a luz do processo histórico decorrente.

Assim, faremos um resumo da nossa proposta, e analisaremos depois, período a período.

4.1-Proposta global de periodização

4.1.1-1920-1940:Infância e Juventude em Moçambique

Este grande período pode ser subdividido em três fases diferentes:

a)-1920-1932

-caracterizado pelos contactos de Eduardo Mondlane com a vida e as tradições familiares. Esta fase é marcada pela sua experiência como pastor e pela vivência no campo. De acordo com as palavras do próprio Mondlane, é nesta fase da sua vida que se começa a desenvolver o embrião do interesse pela luta nacionalista, quer através do estímulo que lhe é criado pela mãe, quer através dos sofrimentos a que a família se viu muitas vezes sujeita pelo regime, e que ele próprio pode testemunhar.

b)-1932-1936

-representa a entrada de Eduardo Mondlane para a escola primária, seu contacto com um novo mundo, onde a sua personalidade de jovem começa a ser moldada no espírito que caracterizava a educação da juventude ministrada pela Missão Suíça (Igreja Presbiteriana), em Moçambique. Mondlane, é assim, um dos primeiros estudantes a participar nos grupos da juventude da Igreja-patrolhas ou mintlhawa.

c)-1936-1940

-esta fase da sua vida decorre entre Lourenço Marques e Ricatilha, onde Eduardo Mondlane acaba os seus estudos primários, ao mesmo tempo que se inicia na vida profissional. Tendo começado a trabalhar como empregado doméstico no Hospital da Missão Suíça em Lourenço Marques, depois na casa de um missionário, acabou sendo catequista e

4.1.2-1940-1944:Cambine e Dingane, Novas experiências

Este período decorre entre Cambine e Manjacaze, onde Eduardo trabalhou como instrutor de patrulhas, fez um estágio sobre agricultura de sequeiro em Cambine, tendo depois a seu cargo uma pequena paróquia. E neste mesmo período que Mondlane se vê directamente confrontado com a sua situação de indígena, e que se tem que defrontar directamente com toda a problemática decorrente da legislação colonial sobre Educação, associada a "Concordata" e "Acordo Missionário", estabelecido entre o Governo colonial português e a Igreja Católica.

4.1.3-1944-1949/50:A vivência na África do Sul

Mondlane consegue finalmente realizar um dos grandes sonhos da sua vida, continuar os estudos, ao receber autorização para o fazer na África do Sul, no Transvaal do Norte-Lemana. Um novo mundo se abre, com as novas experiências acumuladas quer como estudante, primeiro da escola secundária, depois de uma escola média e da Universidade de Wits em Johannesburg, quer do ponto de vista cultural, e sobretudo no enriquecimento da sua cultura política. E ainda neste período, que Mondlane trabalha em Moçambique na fundação do NESAM. Entre o período que decorre da sua expulsão da África do Sul, até a sua partida para Lisboa, Mondlane, agora visto aos olhos do mundo, não como o pequeno pastor que se tornou catequista e professor, mas como um estudante universitário adquire novas experiências no seu dia a dia em Moçambique.

4.1.4-1950-1961:A Passagem por Lisboa e a Estadia nos E.U.A.

Trata-se de um grande período de amadurecimento de Mondlane, decorrente entre a sua experiência de estudante em Lisboa, depois nos Estados Unidos da América, onde se casa, passando por numerosos contactos com nacionalistas das colónias portuguesas, contactos com estudantes de várias partes do mundo, inserção na sociedade norte-americana, amadurecimento da compreensão da situação colonial, até a um emprego nas Nações Unidas onde tem oportunidade de estabelecer contactos com diplomatas e personalidades políticas. A visita a Moçambique, em 1961, representa o culminar desta etapa, e talvez o aspecto decisivo para a sua opção política, que o havia de levar a ser Presidente da FRELIMO, em 1962.

5-O QUADRO GERAL DA SITUAÇÃO COLONIAL EM MOÇAMBIQUE, ENTRE 1940-61

As colónias portuguesas, ainda sob dominação do colonial-fascismo do governo de Salazar, continuavam a ser fontes fáceis de acumulação, pois a política económica do regime vigente instituiu o nacionalismo económico (1930-1960), que criou novas relações de monopólio entre a mãe-pátria e os territórios colonizados. Assim, sob um forte aparelho repressivo de Estado, o trabalhador moçambicano transformou-se num produtor de mercadorias para exportação, trabalhador forçado das plantações, ou ainda em mão-de-obra barata para ser exportada para os países vizinhos. Isto permitiu por um lado, beneficiar a burguesia portuguesa que obteve matérias-primas mais baratas para as suas indústrias, podendo depois exportar para as colónias os produtos manufacturados, e por outro lado levar a uma acumulação rápida do capital mineiro sul-africano.

Todo o sistema de colonização portuguesa, conduziu ao tipo de relacionamento que se estabeleceu entre o colonizado e o colonizador, onde as barreiras económicas e raciais condicionaram o desenvolvimento específico da estrutura de classe, por forma a evitar o crescimento do proletariado que continuava ligado a terra, para se reproduzir a si próprio e a sua família.

Nas zonas urbanas, mal-grado o sistema repressivo introduzido pelo regime vigente, desenvolveram-se no seio dos trabalhadores moçambicanos, formas de resistência contra as péssimas condições de vida e de trabalho a que tinham sido submetidos. E assim que podemos registar nas principais cidades que concentravam o maior número de trabalhadores, como Lourenço Marques e Beira, e do mesmo modo, Nacala, devido ao seu porto, uma série de greves como as de 1947 no porto de Lourenço Marques, em 1956 novamente no porto de Lourenço Marques, e em 1963, em Lourenço Marques, Beira e Nacala. A repressão que se seguiu a cada uma destas greves levou a deportação de trabalhadores para S. Tomé, mortes e prisões, como forma de refrear o ímpeto de contestação (5).

A partir dos anos 40, utilizando a literatura e a arte como armas de luta, os intelectuais protestaram contra o sistema de dominação colonial. Contudo, este movimento estava necessariamente reduzido a um pequeno grupo de mulatos e assimilados que tinham acesso a uma instrução escolar, vedada a maioria dos moçambicanos, de acordo com o tipo de educação estabelecido pelas leis vigentes. A discriminação nesta área, foi legalizada com a assinatura da "Concordata" em 1940, e o "Acordo Missionário", em 1941, entre a Santa Sé, e o Estado Colonial, que não só vedavam o acesso às escolas da Instrução Pública aos "indígenas", mas também criavam inúmeras barreiras para que estes moçambicanos pudessem ascender a níveis mais elevados de instrução escolar.

Ao mesmo tempo que se desenvolvia no interior do território moçambicano, uma luta, nacionalista de tipo não-violento, desenvolvia-se também uma luta de carácter anti-fascista, sobretudo em Lourenço Marques, encabeçada por membros do Partido Comunista Português, residentes em Moçambique. Neste processo foi envolvido um número pouco significativo de moçambicanos, tendo levado a criação da "Organização Comunista de Moçambique".

O acesso a informação escrita, que fornecia elementos ligados às mudanças operadas mundialmente e sobretudo no continente africano, despertou na juventude das escolas secundárias, composta por uma minoria circunscrita a algumas zonas urbanizadas, o germen da consciência política, sem esquecer a herança que muitos receberam da educação transmitida pelos seus pais, alguns deles saídos das lutas de tipo associativo, e da tradição das Igrejas Protestantes. Não podemos esquecer aqui, a inspiração deixada pela geração de 40, bem como, todo o sistema de dominação colonial carregado de uma visível injustiça e repressão, que eles podiam já sentir directamente, sendo um dos catalizadores mais fortes na formação de uma consciência política.

Nos países vizinhos, onde viviam muitos moçambicanos exilados, ou trabalhadores migrantes, alguns tinham acesso a informação escrita, para além de terem contactos com Partidos políticos aí existentes, uma vez que, o tipo de colonização (nos países de colonização britânica), admitia legalmente a sua existência. Tudo isto, levava os exilados moçambicanos a uma reflexão sobre a sua própria situação política, e a juntarem-se também, quer em grupos

de tipo associativo, quer mesmo em organizações nacionalistas. A década de 60, foi no entanto decisiva em termos de desenvolvimento dos movimentos nacionalistas no exterior, dos quais se destacam a UDENAMO, a MANU e a UNAMI. No interior do território, os anos 60, são também decisivos para o crescimento do movimento nacionalista na clandestinidade.

Portugal reagiu as mudanças políticas mundiais, as críticas que lhe eram feitas na arena internacional e ao crescimento dos movimentos de luta anti-colonial e anti-fascista que se iam desenvolvendo no interior dos territórios colonizados, tentando fazer algumas mudanças nas leis orgânicas. Foi assim que em 1951, as colónias foram transformadas em "Províncias ultramarinas", e que na década de 60 foi abolido o "estatuto indígena" e mais tarde criada a Nova Lei Orgânica do Ultramar, que pretensamente daria as colónias uma "autonomia administrativa", permitindo portanto a participação destas no Governo Central.

As pseudo-reformas encetadas neste período pelo Estado Colonial Português, tinham apenas um aspecto cosmético, pois em nada mudaram o carácter discriminatório do regime.

Depois de 1950, o Estado Colonial podia banir reuniões ou organizações consideradas perigosas para a segurança e ordem públicas; e mais tarde, quando Moçambique mudou o seu estatuto para Província, a defesa aberta de uma linha a favor da independência, passava a ser considerada um crime contra a "Segurança Interna" do Estado. A tudo isto se podia associar uma censura a literatura publicada dentro e fora do país, e a tentativa consequente de isolar os moçambicanos de possíveis contactos ou informações com outros países africanos onde se iam operando transformações conducentes a uma independência nacional. Todo este processo só podia ser realizado com a montagem de uma campanha repressiva e pesada.

A passagem de Eduardo Mondlane por Lisboa, é hoje interpretada de diversas formas: melhorar o estudo da língua; confrontar-se com a situação em Portugal, ou tentar agradar as autoridades portuguesas, depois da sua detenção pela FIDE, no período imediatamente posterior a sua expulsão da África do Sul e depois da fundação do NESAM, na qual Mondlane desempenhou um papel importante. Independentemente do motivo que o levou a Lisboa, poderemos concluir que ele soube extrair dessa estadia, lições importantes, como poderemos ver a seguir.

Em Moçambique, Eduardo viveu durante muitos anos sob o jugo do sistema de colonização portuguesa, onde o colonizador se identificava com o branco. Durante o seu tempo de permanência na África do Sul, sofreu o problema da discriminação racial, e foi vítima do apartheid. No entanto, o seu contacto com o povo português, e o conhecimento mais concreto da situação sócio-política em Portugal, fizeram-no reflectir, já em 1951, sobre a necessidade de definir claramente o inimigo. E assim, que nas suas reflexões inseridas na correspondência que ele troca com Clerc (23), o vemos distinguir o povo português da metrópole (leia-se brancos), dos brancos residentes nas colónias (leia-se instrumentos de colonização).

Estava no entanto claro para Mondlane, já nesta altura, que para Portugal, "um negro era sempre negro, e portanto inferior", e que as barreiras de cor não se quebravam apenas através da instrução ou capacidades pessoais. A sua vivência, levou-o assim a compreender melhor o tipo de relacionamento existente entre Portugal e as colónias, e que a luta de libertação dos povos colonizados teria de ser levada a cabo por eles próprios, e não através da luta anti-fascista que se travava no interior do território (24), e que foi algumas vezes transferida para as colónias, abrangendo, como por exemplo no caso de Moçambique, minorias verdadeiramente insignificantes de determinadas camadas urbanas.

5.4-A estadia nos Estados Unidos da América

5.4.1-Vida social e cultural de Mondlane

Nos Estados Unidos da América, Mondlane tem uma vida social muito dinâmica. E assim, que antes mesmo de iniciar o ano lectivo na Universidade de Oberlin, em Hartford, onde se preparam futuros missionários, ele colabora com os professores de línguas, na aplicação da fonética Bantu.

A sua vida passa então a girar entre conferências e encontros da juventude das Igrejas metodistas e presbiterianas, onde ele é frequentemente solicitado para falar de Moçambique e África, e das actividades de carácter social que aí se desenvolvem. Nos contactos que vai realizando tem a oportunidade de conhecer e trocar impressões com estudantes americanos, aprofundando assim os seus conhecimentos sobre esta sociedade, bem como estudantes e indivíduos de outras partes do mundo, nomeadamente provenientes

de diversas zonas do continente africano, o que lhe permite enriquecer o seu "background".

Em Setembro de 1951, depois de ter sido classificado como "junior" inicia a frequência do curso universitário. Desde logo, Eduardo capta a simpatia da direcção da Universidade de Oberlin, e dos seus colegas estudantes, o que lhe garante convites permanentes para discutir problemas de carácter social, político e cultural, ligados a África, e especificamente ao seu país de origem. Gostariamos no entanto de destacar a sua participação numa mesa redonda da Universidade de Chicago, gravada pela rádio nacional, onde o tema girou a volta de África, com destaque para os seguintes sub-temas: cultura, estruturação política, nacionalismo e desenvolvimento industrial, bem como a sua participação como convidado do Presidente da Universidade, para representar África, numa conferência da UNESCO, em 1952, cujo objectivo era discutir os problemas dos países "não desenvolvidos e dependentes", em todo o mundo. Aqui, Mondlane contactou personalidades de renome internacional, por quem ele nutria singular admiração, do ponto de vista intelectual, entre as quais ele destaca o nome do DR. Ralph Bunche, vencedor do Prémio Nobel da Paz, que havia estudado na África do Sul, na universidade de WITS, e com quem ele pode trocar largas impressões sobre política internacional(25).

Eduardo não perde no entanto as suas qualidades de estudioso, e o seu gosto pelos livros que ele "devora" insaciavelmente. A sua vontade inquebrantável de saber sempre mais, faz dele uma personagem apaixonante, a quem muitas portas se abrem para ensinar, discutir, trocar ideias.

Ao longo da sua vida de estudante, Mondlane escreveu diversos artigos, não só para as cadeiras que frequentava, mas também para conferências e outros fins, entre os quais se encontram já, abordagens a problemas educacionais e raciais, entre outros temas, que giram a volta das suas preocupações.

Como cristão, ele desenvolve uma actividade muito viva de carácter missionário, proferindo palestras sobre África e Moçambique, em campos de férias, encontros de juventude e outras actividades ligadas a Igreja. São no entanto, esses mesmos contactos com o mundo religioso, e a sua percepção sobre o hiato existente entre a teoria que a Igreja prega, e a sua prática no dia-a-dia, e uma visão, muitas vezes estreita do mundo, que o levam a aprofundar as suas reflexões, já iniciadas nos períodos anteriores, sobre o papel da Igreja, especificamente em África.

Nos debates realizados em diversas actividades em que ele participa, um dos temas postos em causa é a função das missões, que para alguns, é considerada actividade nefasta.

Ao reflectir sobre a prática missionária, Mondlane acusa mais uma vez, a imposição de uma religião e de uma cultura dita superior, da parte dos ocidentais, aos orientais e africanos, bem como o facto de muitas vezes as missões se preocuparem apenas com os

aspectos espirituais, ignorando os problemas imediatos da população (26).

As reflexões que Mondlane vai aprofundando sobre a Igreja, no decorrer dos anos, constituem pontos fundamentais da sua ruptura com determinados preceitos da Igreja, processo este, que é acelerado com a oposição que ele encontra no seio de uma facção da Igreja Presbiteriana em Moçambique, ao seu casamento com Janet, e que se reflecte também no seio de alguns amigos, e familiares, onde é necessário enfrentar uma forte pressão social e racial (27).

Nas suas críticas, Mondlane deixa claro que a Igreja, ao contrário daquilo que prega, apresenta-se muitas vezes com posições discriminatórias assumidas por alguns dos seus membros. Ele acusa-a ainda de estar a ser "burocratizada", o que sufoca a fé.

Em 1953, Mondlane termina o seu bacharelato, matricula-se na Northwestern University em Evanston, terminando os seus estudos em 1956, com as graduações de licenciatura e doutoramento em sociologia e antropologia.

As suas qualidades como intelectual, e a sua eloquência como orador, levam-no a ser convidado como assistente no departamento de antropologia da Northwestern University no ano lectivo de 1954-1955, onde trabalha com o conhecido Melville Herkovitz. Depois disto, permanece um ano, como investigador na Universidade de Harvard, trabalhando com Gordon Allport (28).

Em 1956, Mondlane casa com Janet Rae Johnson.

5.4.2-A carreira profissional

Em 1957, Mondlane é seleccionado para um lugar de funcionário das Nações Unidas, como investigador, no "Trusteeship Department", o que lhe permitia trabalhar com os territórios do Tanganica, Camarões e Sudoeste Africano. Neste lugar, Mondlane tem a possibilidade de contactar numerosas personalidades políticas, e de realizar estudos sociais, económicos e políticos sobre os territórios já referidos, o que lhe permite ter uma visão muito clara da situação colonial. Os conflitos iminentes a reunificação dos Camarões, constituem aspectos de aprendizagem e reflexão, sobre o problema da descolonização e neo-colonização, bem como toda a problemática referente a unidade no seio da "União Popular". Mondlane torna-se grande amigo de Julius Nyerere, com quem discute o futuro de Moçambique, e as possibilidades que o Tanganhica poderia oferecer a um movimento de libertação moçambicano, depois da sua independência.

Aproveitando a necessidade de se deslocar aos Camarões, por razões profissionais, Mondlane faz uma visita a Moçambique, de férias, em 1961, acompanhado da sua família, um pouco mais de 10 anos depois da sua partida para Lisboa.

5.4.3-1961-O reencontro com Moçambique

No início deste capítulo, esboçamos um quadro geral da situação em Moçambique, entre 1940 e 1961. Gostaríamos no entanto de frisar, que depois da segunda guerra mundial, se generaliza nas colónias portuguesas uma tomada de consciência política, e que todo o sistema de colonização portuguesa, conduziu ao tipo de relacionamento que se estabeleceu entre o colonizado e o colonizador, onde as barreiras económicas e raciais condicionaram o desenvolvimento específico da estrutura de classe, no campo e nas zonas urbanas, e que levaram a criar as condições propícias para a gestação do nacionalismo, e seu desenvolvimento.

Ao chegar a Lourenço Marques, em 1961, Eduardo Mondlane é recebido com calor e entusiasmo pelo seus compatriotas, muitos dos quais vêm nele uma esperança de libertação. Contudo, toda a sua visita é rodeada pela segurança da FIDE, não porque pretendessem assegurar a integridade física de Mondlane, mas porque receavam que os seus contactos com os compatriotas pudessem transmitir "ideias subversivas", numa população já bafejada pelos "ventos de mudança" que se operavam no continente africano, e informada sobre os recentes acontecimentos de Angola e Mueda, em Moçambique, que os órgãos de comunicação social tentaram esconder ou camuflar.

Hospedado na "Missão Suíça", no Khovo, onde havia obtido o seu primeiro emprego, e onde havia vivido alguns anos, mesmo sob a constante vigilância da polícia secreta portuguesa, Mondlane mantém contactos com alguns moçambicanos. Albino Maheche, um dos nossos testemunhos, refere que durante a sua permanência em Lourenço Marques, Eduardo Mondlane recebia a noitinha algumas pessoas, e como resultado destes encontros, um grupo de nacionalistas dirigido por Virgílio de Lemos, preparou um panfleto clandestino, que deveria ser distribuído por todo o país, depois da partida de Mondlane, aproveitando a agitação criada pelos recentes acontecimentos de Mueda. O panfleto deveria ainda sair das fronteiras moçambicanas, através dos contactos existentes na rede de nacionalistas moçambicanos de Lourenço Marques, por forma a denunciar a comunidade internacional, a situação vivida no interior (29).

O mesmo testemunho refere ainda, que muitas cidadãos que contactaram Mondlane, pretendiam obter bolsas de estudo e encontrar formas de sair do território moçambicano (30). Contudo, a tentativa de distribuição dos panfletos abortou, e depois da saída de Mondlane de Moçambique, muitos moçambicanos foram presos e torturados pela FIDE, sendo de destacar o conhecido processo que levou a prisão numerosos nacionalistas, muitos acusados de ligações com o grupo liderado por Virgílio de Lemos, e possivelmente ligados a produção e distribuição dos referidos panfletos, onde podemos referir nomes como Albino Maheche, Amaral Matos, Abdul karimo Vazirna, Nuno Caliano da Silva, entre outros (31).

A intervenção de Mondlane na Igreja Presbiteriana do Chamanculo, onde os moçambicanos, independentemente de serem ou não crentes, que queriam ouvir as palavras de Mondlane, mesmo sob vigilância da PIDE, transbordaram as capacidades da Igreja, enchendo o espaço exterior junto as janelas, na esperança de poderem ouvir as suas palavras, foi a nosso ver, o melhor testemunho da popularidade de que esta personalidade gozava no seio dos seus compatriotas, que de uma ou outra forma já tinham ouvido falar do Dr. Eduardo Mondlane, que tinha conseguido estudar nos Estados Unidos da América, depois de ter sido expulso da Africa do Sul.

Mondlane, fez ainda uma visita a Ricatlha, onde ele havia acabado os seus estudos primários, e havia trabalhado como instrutor de patrulhas e catequista. Um dos nossos testemunhos, que na altura era membro das patrulhas em Ricatlha, informou-nos que a sua visita foi tema de discussão entre os mais adultos da patrulha, que participavam regularmente em sessões sobre as quais deveriam guardar um segredo absoluto, como regra, onde discutiram Eduardo Mondlane, e lhes foi explicado que ele traria a liberdade para Moçambique(32).

Mondlane visitou ainda os seus familiares, em Gaza, e em todos os locais por onde passou, foi alvo de calorosas recepções.

Nos jornais da época, é possível encontrar algumas notícias que referem a visita de Mondlane a Moçambique, e que reflectem evidentemente a imagem que o regime pretende dar ao mundo, da sua situação interna, onde Mondlane é considerado "bom português", e uma imagem que pretende mostrar um país onde não existem barreiras de cor.

Dos testemunhos orais que recolhemos sobre a visita de Mondlane a Moçambique, é possível concluir, que ela foi reinterpretada por muitos moçambicanos, dentro de uma auréola mitológica, e que as palavras proferidas por Mondlane em Chamanculo, foram interpretadas por cada um, de acordo com os seus anseios, mas que deixaram em todos, uma mensagem de esperança. Não nos podemos porém esquecer, que o ambiente político que se vivia na época, fez desta visita mais um ponto para o desenvolvimento da consciência política dos moçambicanos.

A visita de Mondlane a Moçambique, deve no entanto ser considerada como crucial para as decisões que Mondlane toma, ao regressar aos EUA, de se ligar mais directamente a luta pela libertação do seu país. É assim, que ele renuncia a sua carreira nas Nações Unidas e aceita um emprego de professor na Universidade de Syracuse. Com a independência do Tanganica, liga-se mais directamente a luta pela libertação de Moçambique, e em 1962 é eleito Presidente da FRELIMO.

6-ALGUMAS QUESTÕES DE ORDEM METODOLÓGICA

Antes de fazermos as conclusões, pretendemos trazer a conhecimento dos estudiosos de Mondlane, alguns dos problemas de ordem metodológica que enfrentámos ao longo do nosso trabalho de pesquisa e redacção deste texto, o que a nosso ver contribuirá para justificar a afirmação feita na introdução: escrever Mondlane é uma tarefa árdua, mas honrosa.

O foco da nossa análise, incidirá sobretudo no que diz respeito as fontes.

6.1-Fontes escritas

Para a elaboração da nossa análise, consultámos, como já tivemos oportunidade de referir, auto-biografias e biografias de Mondlane, entrevistas publicadas, diversas análises sobre a vida, obra e pensamento de Mondlane bem como, ensaios e numerosas análises referentes a situação colonial, nacionalismo, e Igrejas em Moçambique.

As biografias a que tivemos acesso, são na maior parte dos casos episódicas, acríticas e mal problematizadas. Uma boa parte delas, toma como base o perfil biográfico que Mondlane traçou, a pedido do Pastor Macave, da Missão Suíça, em 1961, ou uma auto-biografia, cuja data e origem ignoramos, ambas publicadas na compilação feita por REIS e MUIUANE, em "Dados e Documentos da História da FRELIMO". Do nosso ponto de vista, é um bom ponto de partida, mas não pode ser aceite como uma verdade acabada, pois isso poderá levar-nos a falsa conclusão de que nos resta apenas transmitir as gerações vindouras os conhecimentos existentes.

As autobiografias a que nos acabámos de referir, resultam da interpretação (1961) e reinterpretação que Mondlane fez da sua própria história. Do nosso ponto de vista, elas reflectem alguns aspectos fundamentais para a nossa pesquisa. A primeira, elaborada em 1961, aparece-nos com um carácter "etnografado", um pouco na linha das reflexões que Eduardo teria feito para "Chitlangou". A segunda autobiografia, embora sem data, pelos dados que nos apresenta, foi escrita depois de 1962, e reflecte uma reinterpretação da história do protagonista, onde o aspecto meramente "etnográfico", é ultrapassado por uma excelente análise que insere o autor num determinado contexto histórico.

É possível que a autobiografia de 1961, tenha sido escrita a pressa, mas ela reflecte também o contexto da visita de Mondlane a Moçambique, onde o peso dado a genealogia da família, em detrimento de outras análises, evita uma confrontação com a FIDE, e possíveis consequências para a Igreja Presbiteriana, ao mesmo tempo que reflecte uma tentativa de responder aos interesses imediatos de quem lhe pede a informação.

Depois da fundação da FRELIMO, Mondlane poderia fazer uma reinterpretação pública da sua história de vida, inserindo-a num contexto histórico, e reflectindo as suas ideias sobre

colonialismo e nacionalismo, não só porque não haveria que temer a repressão da PIDE, mas também porque era necessário dar a conhecer ao mundo o clima que se vivia em Moçambique.

Temos também exemplos interessantes de como se pode tomar como ponto de partida o que está escrito, problematizar, desenvolver e criar. Gostaríamos aqui, apenas de referir o exemplo da biografia de Mondlane, feita por Herbert Shore, na edição da obra de Mondlane, "Lutar por Moçambique", publicada pela ZED PRESS, onde o autor inicia o texto com a morte de Mondlane, faz um "flashback" para o seu passado, e regressa ao momento da morte de Mondlane, situando finalmente a sua história de vida na História passada e presente do povo moçambicano, num inter-relacionamento dialéctico entre o passado e o presente.

Para além dos documentos escritos e publicados, por nós utilizados, e que enfermam em muitos casos, dos males já referidos, a gentileza do professor André-Daniel Clerc, permitiu-nos consultar a correspondência trocada entre Mondlane e Clerc, desde 1941 até sensivelmente aos finais dos anos 50, e algumas outras cartas dispersas, depositadas nos arquivos do Departamento Missionário das Igrejas Protestantes da Suíça Romana (DM), em Lausanne, Suíça. A partir delas, foi-nos possível reconstruir muitos aspectos da vida de Mondlane. Contudo, na fase de interpretação da documentação, faltou-nos informação para complementar algumas lacunas, conferir alguns dados factuais e tirar algumas dúvidas.

As referidas cartas, reflectem, por um lado, a profunda amizade que se criou e desenvolveu entre pupilo e mestre, e por outro lado um relacionamento que não espelha, de facto, a riqueza da vida de Mondlane. Assim, a maior parte das informações que dizem respeito a sua trajectória política, não aparecem reflectidas nesta correspondência, não só porque as cartas não cobrem totalmente os períodos tratados, mas também, porque do nosso ponto de vista, o tipo de relacionamento criado entre os dois, a posição que a Igreja assumia perante o desenvolvimento das "ideias nacionalistas", e possivelmente, porque algumas observações, poderiam colocar Clerc numa posição embaraçosa perante a PIDE, não permitia esse tipo de troca de informações. É verdade, que em algumas das suas cartas, Mondlane deixa transparecer as suas críticas ao colonialismo, e que toma posições muito críticas em relação a Igreja, mas isso representa apenas alguns pontos, que estão longe de reflectir o seu percurso e o seu crescimento político e intelectual! Em alguns casos, foi possível aprofundar um pouco mais estes problemas, estabelecer comparações, confirmar alguns dados. Em outros casos, apenas uma investigação mais cuidada nos poderá ajudar a resolver os problemas, e talvez até, a contrariar algumas das teses por nós apresentadas.

As cartas de Mondlane para Clerc, reflectem ainda, o sentido da sua consciência e interesses, como sujeito e cidadão, correlacionados com os interesses da Igreja Presbiteriana.

6.2-Fontes Orais

Mondlane viveu muitos anos em Moçambique. Aqui deixou familiares, amigos, camaradas. Eles são documentos vivos, cuja informação é preciso recolher, analisar. Há outras fontes orais em outras partes do mundo, na base de indivíduos que privaram com Mondlane, que têm também testemunhos importantes sobre outras fases da sua vida que é preciso conhecer.

Os nossos testemunhos orais, limitaram-se apesar de tudo isto, a algumas entrevistas especificamente dirigidas ao tema Mondlane, quer no que respeita a sua ligação com a "Missão Suíça", quer a sua actividade como nacionalista. Contudo, não tivemos oportunidade de aprofundar a nossa informação, esclarecer algumas dúvidas e confirmar alguns factos, o que nos trouxe imensas dificuldades de interpretação para todos os períodos.

Estas imprecisões aparecem reflectidas no nosso trabalho, e em alguns casos, poderão eventualmente ter induzido os autores deste trabalho a alguns erros, que é necessário corrigir.

A leitura que temos vindo a realizar de algumas entrevistas publicadas nos nossos órgãos de informação nacional, neste período em que se homenageia a memória de Mondlane, 20 anos (após a sua morte, obriga-nos a reflectir sobre a importância que tem para um trabalho de investigação, a recolha de testemunhos orais. Não basta ter um bom testemunho, mas é fundamental ser também um bom entrevistador, um estudioso, para poder produzir um bom documento. As entrevistas publicadas, estão longe de poderem fornecer um bom testemunho, quer apenas para os curiosos, quer mesmo para os estudiosos. Estes testemunhos, deixam contudo, a menção da existência de fontes ainda não suficientemente exploradas.

6.3-Que futuro?

Passaram-se já 20 anos depois da morte de Mondlane, e poucas reflexões sérias sobre a sua vida, obra e pensamento foram publicadas. As melhores análises foram publicadas na língua inglesa, e nem mesmo a tradução de "Lutar por Moçambique", uma obra que pelo seu conteúdo e actualidade deve ser considerada clássica, é acessível ao público moçambicano.

Há imensas informações guardadas nas memórias dos que foram companheiros, amigos e camaradas de Mondlane; há documentos escritos que reflectem o seu pensamento, que devem ser divulgados, arquivos que devem ser abertos aos investigadores.

A vida de Mondlane, foi sempre feita, na base de uma relação activa com a população, quer em Moçambique, quer em outros países onde ele viveu. Contudo, a participação popular na reconstrução da sua vida e obra, não é ainda significativa. Que motivos levam os cidadãos no seio dos quais ele se inseriu a não fazer ecoar a sua voz?

A ausência sistemática de investigação sobre Mondlane, tem levado muitas vezes a uma repetição de alguns erros factuais e interpretativos da sua vida e obra. Esses erros, que repetidos frequentemente, em breve se transformarão em verdade, distorcendo a realidade histórica.

Mondlane, tornou-se para muitos moçambicanos, uma figura mítica depois da sua vinda a Moçambique em 1961. A efervescência nacionalista dos anos 60, personifica no Dr. Eduardo Mondlane, o líder ausente. Estudar Mondlane, Significa assim, desmistificar Mondlane, e reconstruir o herói.

Os estudos dominantes sobre Mondlane, referem-se mais ao primeiro Presidente da FRELIMO, ao "homem político", ignorando muitas vezes como ele se foi construindo no seio de um processo social concreto. Ignora-se assim, muitas vezes, os períodos mais recuados da sua vida, onde ele fez as aprendizagens mais elementares e realizou um trabalho missionário, que ajudaram a construir a sua personalidade.

Eis porque escrever Mondlane, é uma tarefa árdua, mas honrosa, pelo Homem, pelo intelectual e dirigente que ele soube ser, pela sua estatura política.

5.1-1940-1944:Combine e Dingane, Novas Experiências

5.1.1-A "Missão Suíça" e o seu papel na educação de Mondlane

Eduardo Mondlane, passou a maior parte da sua juventude na convivência dos Pastores e educadores da Missão Suíça, onde fez os seus estudos primários, trabalhou na educação da juventude da Igreja e teve a seu cargo uma pequena paróquia.

Importa pois, que façamos referência a alguns aspectos desta Igreja, que contribuíram para moldar a personalidade de Mondlane.

A Missão Suíça, ligada a Igreja presbiteriana, ao contrário da Igreja Católica, no período colonial, era uma Igreja discriminada pelo estado colonial, e simultaneamente pela Igreja Católica, que aparecia como representante do poder dominante.

A legislação portuguesa colonial, sobretudo no que respeita as áreas sociais, criava um espaço limitado de acção as Igrejas Protestantes radicadas no país.

A Missão Suíça, acabou assim por aparecer como vítima da repressão colonial, devido ao facto de ser acusada pelo Estado de fomentar e promover "actividades subversivas" e a "desnacionalização" dos moçambicanos (6).

Esta Igreja não podia comungar dos mesmos ideais que o Estado Colonial, quer pela sua politica de educação e formação, quer pela sua própria história, onde existia já uma tradição de luta pela emancipação religiosa, em oposição ao Estado.

Foi assim que os esquemas de trabalho desta Igreja procuraram romper com o sistema de discriminação e tentaram fazer crescer intelectualmente os moçambicanos, dando-lhes possibilidades de alargarem os seus horizontes de conhecimentos, criando neles uma personalidade forte e um espírito de disciplina e responsabilidade, gerados sobretudo na educação da juventude.

Tomando como base o princípio de que a Igreja não podia viver por si própria se não fosse alimentada, e que precisava de se enraizar na sociedade e dar novos frutos, os missionários suíços investiram a partir dos inícios da década de 30, uma grande parte dos seus esforços na educação e formação da juventude, perspectivando um futuro onde esses mesmos jovens pudessem assumir responsabilidades na estrutura da própria Igreja.

Um dos resultados da estratégia acima mencionada, foi a institucionalização de um sistema de educação da juventude, denominado mintlawo (7), ou patrulhas, com a finalidade de moldar a personalidade do jovem dentro de uma educação cristã. O conjunto das actividades das patrulhas, deveria cumprir o objectivo de realizar uma formação da personalidade do ponto de vista manual, intelectual e espiritual.

Eduardo no espírito das patrulhas da juventude, depois de uma experiência como instrutor em Lourenço Marques, Eduardo aceitou a tarefa de trabalhar na Igreja Metodista Americana de Cambine, no Distrito de Inhambane, onde dedicou a maior parte do seu tempo na formação dos grupos da juventude.

Eduardo Mondlane refere que o trabalho das patrulhas, ajudava a fazer a passagem da adolescência a maturidade e a criar uma abertura para o mundo, e que "(...) discute-se sobre o nosso espírito, problemas físicos e intelectuais, e os do nosso povo, em outras partes do mundo. Isto estava em contraste com o curriculum das escolas que nós seguíamos, nos nossos estudos diários (...) em minto hawa aprende-se a actuar democraticamente e em espírito de camaradagem. Os jovens são levados a fazer um trabalho racional em vez de resolver as coisas pela violência(8)".

Herbert Shore, que foi amigo de Eduardo Mondlane e da sua família, associa frequentemente esta personalidade ao gosto pela literatura, poesia e canto (9). Independentemente dos aspectos que são próprios a personalidade de Eduardo, e da cultura que ele adquiriu ao longo dos anos da sua vida, não podemos dissociar este gosto, da sua educação nas patrulhas, onde as actividades de recreação, como jogos, cantos, récitas, teatro, entre outros, levavam a desenvolver nos espíritos a imaginação e a criatividade(10).

Neste período da vida de Eduardo, que decorreu entre Cambine e Inhambane, onde ele sente a nostalgia da família e dos amigos e mais tarde, vive com intensidade os problemas da família e da sociedade onde está inserido, estes aspectos aparecem aliados a sua vontade férrea de estudar e aprender sempre mais, sem perder de vista que não se aprende apenas através da "instrução escolar", mas que ela é útil para se avançar na vida.

"Aqui tenho bastantes livros, os meus amigos até me consideram "fora de mim" por ver que não posso ficar quieto se os meus olhos não estiverem em algumas letras. Mas eu não sofro por isso, porque bem sei que eles não sabem quão lindas coisas se podem encontrar nas letras(...)"

(extracto de uma carta de Eduardo Mondlane a Clerc, Cambine, 9 de Junho de 1942).

O texto citado, ilustra o gosto de Mondlane pela leitura, que vai desde os romances mais variados, a literatura sobre educação e formação de jovens e adolescentes, livros de carácter histórico e literatura religiosa, leituras essas, muitas vezes condicionadas pela disponibilidade dos próprios livros. Eduardo alia as suas leituras, o estudo de matérias escolares, com o apoio de alguns missionários, e o estudo do inglês, língua na qual ele mais tarde lê, sobretudo poesia.

Como o próprio Clerc o descreve, desde muito cedo Eduardo demonstra o seu gosto pelo canto e também pela música. Não

dispomos de muitas informações sobre o desenvolvimento da sua cultura musical, mas tudo parece indicar, que os cantos religiosos despertam nele o gosto pela música "afro-american spirituals".

5.1.2-A confrontação directa com o sistema colonial

Pouco tempo depois de ter chegado a Cambine, Eduardo Mondlane vê-se confrontado com a sua situação de indígena, a que as leis do Estado colonial o haviam votado, e sofre directamente o problema da "caderneta de identidade" e do imposto atrasado, situação que o deixa bastante constrangido, como podemos verificar por uma carta que ele escreve a Clerc, de Cambine, em 1941:

"Agora há uma lei do estado que manda todos os habitantes da colónia, a munirem-se de "passes" quando passarem duma circunscrição para outra e com a autorização da administração civil. Essa lei não é nova mas agora é olhada com muita atenção, não sei porque-pretendem qualquer que se encontrar sem os referidos documentos, tendo de sofrer a pena de ficar nos calabouços durante quatro meses.

Para mim a lei é muito terrível porque nem tenho autorização da minha vinda a Lourenço Marques para cá. Não soube que devia pedir licença.

Na minha pequena caderneta de identidade não está nada notada(sic) a minha saída(..)da Missão Suíça para cá.

No dia em que me falaram dessa lei fiquei muito triste e muito mal dormi.

(...)E há um imposto de taxa que deve ser pago na administração do Concelho de Lourenço Marques o qual só pode pagar quando o Sr. ir dizer(sic) a administração que já não estou na cidade e eles deverão escrever uma nota que identifique a minha ausência. Não há outra maneira se não pagar os dois anos-1940 e 1941-primeiro antes de declarar que já saí da cidade, porque podem dizer: "como é que saiu sem ter pago o imposto".

No ano passado não tive tempo de pensar em tudo isto porque saí com muita pressa. Se o Snhr. Prof. ver que é difícil para a missão pagar tudo isto, pode pagar e, eu, da minha volta, venho pagar a missão. O que eu quero é que me veja livre do imposto".

Em Dingane, Mondlane vê-se mais uma vez confrontado com a injustiça do sistema vigente. As leis coloniais sobre educação reflectiam a ideologia do regime. Assim, já em 1930, havia sido definido que o objecto da educação da população indígena era: "fazer passar esta população da sua condição primitiva a um estado de civilizada, para que o indígena se torne português e seja útil a sociedade (11)". Mesmo antes da subida ao poder de Salazar, o carácter discriminatório do ensino, visando reproduzir junto dos "africanos", uma civilização portuguesa, havia interdito em 1921, o emprego de línguas africanas na educação escolar, por ser um factor de divisão. As missões estrangeiras, só

podiam ensinar sob controle do Estado, fossem elas protestantes ou mesmo católicas (12).

A educação de tipo discriminatório preconizada pelo Estado Colonial, onde, havia de um lado os africanos e do outro os portugueses, que eram respectivamente classificados como "não civilizados" e "civilizados", foi institucionalizada como tal, com a "Concordata" em 1940, e o "Acordo Missionário" em 1941. A partir daí, a educação especialmente, destinada aos indígenas ficou a cargo da Igreja Católica, que também tinha a missão de formar os respectivos professores, enquanto aos europeus e assimilados ficava reservado o sistema de ensino utilizado na "metrópole" (13).

Deste modo, a Igreja católica não servia somente para apoiar o Estado a pôr em prática a sua política colonial, mas fornecia ao Estado um argumento para legitimar a sua presença (14).

A partir do momento em que o ensino para "indígenas" ficou a responsabilidade das Missões católicas, as outras Igrejas foram obrigadas a utilizar novas formas de actuação para realizarem o seu trabalho. Foi assim, que Eduardo Mondlane abriu uma "escola clandestina" em Dingane, onde, ao mesmo tempo que escolarizava as crianças, fazia o seu trabalho de educação religiosa da juventude, sua tarefa principal, junto dos mais jovens. No seu relacionamento com Clerc, Eduardo Mondlane deixa transparecer amiudadas vezes a sua revolta contra o sistema colonial de educação e a discriminação de que as Igrejas Protestantes são alvo: "Aqui há grandes exemplos criados pelos católicos que procuravam privar-nos de todos os direitos sobre a juventude. Pensamos que é um vendaval produzido pela chegada de Sua Excia: o Senhor Ministro das Colónias e que há que passar com ele. Cada professor, cada catequista católico procurará obter o maior número de alunos possível a fim de ser louvado pelo seu "Padre Superior" e este por sua Excia., o Sr. Ministro (...)".

(extracto de uma carta escrita por Mondlane a Clerc, Dingane, Agosto de 1942).

Do mesmo modo, a tão conhecida obra de Mondlane "Lutar por Moçambique", é extraordinariamente rica de ensinamentos sobre a caracterização do sistema de ensino colonial neste período.

5.1.3- Uma personalidade forte e marcante

O crescimento intelectual e a maturidade política que Eduardo Mondlane foi ganhando ao longo deste período, através da sua experiência profissional e auto-didatismo, não lhe roubaram a simplicidade que o caracterizava. Assim, poderíamos encontrar a nossa personagem, vivendo humildemente na sua pequena paróquia de Dingane, auferindo um salário que mal lhe dava para se vestir, e ao qual tinha de adicionar o trabalho agrícola, nas poucas horas disponíveis, para se alimentar, mas extremamente dedicado as pessoas e ao trabalho.

Nesta fase, poderíamos ler em Mondlane um trabalhador da Missão Suíça, pronto a respeitar a vontade dos seus superiores, para melhor realizar o seu trabalho de carácter humanitário, o que todavia não apagava a personalidade forte e marcante que sempre soube ser ao longo dos anos da sua vida, o que o leva a mostrar insistentemente, junto de Clerc o seu desejo de prosseguir os estudos e emigrar se necessário for para conseguir tal objectivo. Assim, deixamos aqui um belíssimo extracto de uma carta de Mondlane a Clerc, escrita em Cambine, em 1942, ilustrativa desta situação:

"(...)Eu ainda tenho muita vontade de estudar e penso que agora é que vejo que tenho de tomar a minha vida a sério. Eu ainda tenho de tomar a minha vida a sério. Eu ainda tenho muita vontade de estudar e penso que agora é que vejo e compreendo melhor a minha falta de instrução. Se tivesse meios podia continuar até, e tenho grande vontade de emigrar para o estrangeiro a-fim-de (sic) aumentar a minha instrução tanto intelectual como religiosa (...)"

Premiando o seu esforço e reconhecendo o seu valor, a Missão dá-lhe finalmente autorização para prosseguir os seus estudos na África do Sul, no Transvaal do Norte.

5.2-1944-1949/50:A Vivência na África do Sul

5.2.1-Estudante secundário

Eduardo Mondlane passa uma boa parte deste período na União sul-africana, com períodos intercalares em Moçambique, e uma breve estadia em Lisboa, enquanto preparava a sua saída para os Estados Unidos da América, e uma curta passagem pela Suíça.

Em 1944, Mondlane vai para o Transvaal do Norte, onde, faz os seus estudos secundários, na escola missionária de Lemaña, obtendo com sucesso o "Junior Certificate" e aprovação nos exames da "matriculation".

A primeira fase dos seus estudos na escola missionária, foi realizada com muito sacrifício e muito trabalho, se atendermos aos seguintes factos: conhecimento frágil da língua inglesa; primeiros contactos com a língua afrikans e mudança do sistema de ensino. Contudo, Eduardo recebe o apoio de alguns professores para o estudo das matérias em que ele tinha mais dificuldades, e consegue rapidamente superar os problemas e mesmo ser dispensado em alguns casos.,

Eduardo Mondlane consegue conciliar os seus estudos com a sua actividade religiosa, que realiza numa localidade denominada Shirley, primeiro aos Domingos, depois entre duas a quatro vezes por semana, o que implica um grande sacrifício e muitas horas roubadas ao estudo, que têm de ser compensadas, uma vez que isso significa caminhadas a pé de aproximadamente 1 hora e 30 minutos por cada viagem, a parte o trabalho a realizar.

A confiança que ganha no seio dos seus colegas, leva-os a nomeá-lo chairman da "Students Christian Association", para o ano de 1945, tarefa que ele aceita, com um espírito de grande responsabilidade. Do nosso ponto de vista, esta sua experiência como líder estudantil, e toda a sua experiência como estudante na Africa do Sul, serão fundamentais para o trabalho que ele irá realizar em Lourenço Marques, em 1949, com os estudantes africanos secundários.

Um aspecto fundamental da personalidade de Mondlane se reforça durante a sua estadia na Africa do Sul - a vontade inquebrantável de querer aprender sempre mais, e o seu alto sentido de responsabilidade nas tarefas que realiza, que o levam sucessivamente a realizar em simultâneo várias tarefas que exigem tempo e dedicação, e que o levam a visitar vários locais da União sul-africana onde abre os seus horizontes, aprende novas coisas, se torna mais crítico mas ganha sempre o respeito de todos com quem trabalha e convive. E assim, que vemos o nosso protagonista, como já tivemos oportunidade de referir, como estudante e trabalhador religioso, participando em competições de grupos corais, aprendendo lições de piano, sem que no entanto se esqueça de trocar correspondência com o seu tutor Clerc, e sem perder de vista o que se passa em Moçambique, sobretudo em Lourenço Marques, com os seus companheiros instrutores de patrulhas.

5.2.2-0 papel da Igreja

Se é verdade que a experiência de Cambine e Dingane muito contribuíram para a maturidade política e intelectual de Mondlane, não é menos verdade que a sua vida como estudante e trabalhador da Igreja na Africa do Sul, e a oportunidade que esta experiência lhe dá de enriquecer os seus conhecimentos permitem a Mondlane ver o mundo numa perspectiva diferente.

Tendo chegado a Africa do Sul ainda marcado pelo estigma da dominação colonial portuguesa, que pretendia "civilizar" os povos colonizados, Mondlane vai-se sentindo cada vez mais desapontado com o homem branco, ou "mulungu" que ele havia idealizado. Na sua correspondência com Clerc, ele faz reflexões sobre este aspecto, bem como, uma reflexão crítica sobre a Igreja em geral e sobre a Igreja católica em particular, o que pode em parte ser ilustrado por um extracto de uma carta remetida a Clerc(s/d, Africa do Sul, 1946):

"(..) Os meus contactos com as civilizações, como na religião encontrei muitas desilusões. No começo pensei que o europeu "mulungu" é uma pessoa nobre, cãndido, justiceiro e sensível, mas depois tive que descobrir, para meu desapontamento, que ele não é mais santo do que o preto(..). A multiplicidade de Igrejas, de denominações diversas e os prejuícos (sic) que cada uma prega contra a outra e o facto de todas elas viverem do além me convenceu de que também na Igreja (que se gaba de santidade) há corrupção".

Nas nossas pesquisas documentais realizadas nos arquivos da que foi a Missão Suíça em Moçambique, encontramos a seguinte citação:

"La préoccupation de ne jamais faire un chrétien sans en même temps le faire portugais transforme le Christ en Colonialiste"

(extracto de uma declaração de padres angolanos, diante do Núncio Apostólico de Lisboa, 1969).

Este extracto, que consegue de uma forma clara ilustrar tão brilhantemente o papel da Igreja Católica nas colónias portuguesas, poderia ter sido escrito por Mondlane em 1948, que nas suas reflexões considera que o maior inimigo da Igreja cristã é a civilização europeia", onde o cristianismo e a civilização aparecem em conjunto.

Mondlane, vai mais além nas suas reflexões sobre as Igrejas, que do seu ponto de vista impediram o desenvolvimento das "Igrejas indígenas", e que nós interpretaríamos como uma outra forma de "colonização", e visualiza o perigo de divisão do povo por via das divisões religiosas:

"(..)A nossa religião indígena podia ter ficado e continuado a prosperar se não tivesse havido outra que oferecesse melhores respostas as perguntas do futuro. Vejo uma similitude entre a religião cristã e a religião pagã indígena, a saber, a continuação da vida depois da morte corporal. O sentimento espiritual não me foi ensinado pela religião cristã, mas sim pela religião dos meus antepassados.

(...)a Igreja cristã teve e ainda tem que lutar contra um inimigo difícil e esse é a "civilização europeia" como é na África. A gente está em contacto com os europeus que nos ensinam a ser civilizados e a ser cristãos é uma coisa. Muitos africanos se reconciliam com o paganismo europeu que vestiu-se do corpo de santidade(..)cresci com o espírito de que o cristão é um em todo o mundo. Não há cristão suíço, americano, presbiteriano, anglicano, católico, etc, mas sim um cristão que é servo do Nosso Senhor Jesus Cristo. Não compreendo(..)todas estas coisas mas vejo que a nossa terra está em perigo de sofrer divisões religiosas que resultarão em inimizades que levarão muito tempo para se alisar(..)".

(extracto de uma carta de Mondlane a Clerc, s/d, África do Sul, 1946).

Não poderíamos deixar de ligar o pensamento de Mondlane a nossa própria análise sobre a Missão Suíça, que não podendo entrar em oposição aberta ao sistema colonial, tinha que fazer uma discriminação entre os seus funcionários suíços, que neste caso eram brancos e os seus funcionários moçambicanos, em termos salariais, o que não passava despercebido. Por outro lado, não podemos ignorar que os missionários suíços que não aceitavam o aporuguesamento imposto pelo regime colonial, avançaram com um projecto de "assimilação", que pode ser ilustrado pela educação

dada as jovens raparigas, e ao papel da mulher, que mesmo assumindo tarefas diferentes na Igreja, pelo exemplo do próprio evangelho, na família e pelas actividades práticas que lhe eram atribuídas, era apresentada como a mulher subjugada e obediente (15). A reflexão que Mondlane faz sobre a Igreja, parece também, do nosso ponto de vista, antever este projecto "assimilacionista" da Igreja:

Para Mondlane, educar a juventude dentro do espírito da Igreja, implica um conhecimento da sociedade em que eles estão inseridos, daí que ele perspective o seu futuro como estudante de sociologia. É assim, que ele se matricula inicialmente, em 1948, numa escola de trabalhadores sociais, em Johannesburg, a "Jan Hofmyr School of Social Workers", que mais tarde acaba por trocar por uma inscrição num curso superior de sociologia, na Universidade de Witwatersrand, cuja frequência tem o seu início em 1949. As razões desta mudança, parecem justificar-se não só porque o nível de tratamento dos assuntos (escola média), não satisfazia os interesses de Mondlane, mas também porque a escola estava muito virada para os problemas de uma sociedade urbana, que não correspondia exactamente aos problemas que Mondlane teria de enfrentar em Moçambique.

5.2.3-NESAM

Neste meio tempo, entre a frequência da escola de Johannesburg e o início do ano lectivo em 1949, Eduardo passa as suas férias em Lourenço Marques e sua terra natal. Em Lourenço Marques, ele convive com os seus antigos colegas e participa nos trabalhos da Igreja e na formação de núcleos de jovens que saíram das patrulhas. Na mesma altura, reúne com os estudantes secundários africanos de Lourenço Marques, para tentar formar um grupo de estudantes de ambos os sexos, cujo alvo era criar "um espírito de unidade e camaradagem entre os estudantes e o desejo ardente de adquirir cultura espiritual, intelectual e física e servir a comunidade africana, desinteressadamente" (). Estavam dados os primeiros passos para a criação do NESAM, onde se haviam de gerar muitos nacionalistas, alguns dos quais hoje, dirigem os destinos do nosso país. Nesta primeira fase, foram eleitos Herberto Stephan Matola, que havia sido estudante de André Clerc, para Presidente, e Eulália Maximiano, para Secretária (16).

Em princípios de 49, Mondlane regressa a União sul-africana, para frequentar o curso de sociologia da WITS.

Antes do início das aulas, arranja um emprego de sete horas diárias para poder sobreviver. Com o início das aulas, arranja um emprego na "Internation club", onde ganha 5 shillings por tarde, trabalhando das duas às seis, lavando as chávenas e dactilografando pequenos trabalhos, aproveitando as horas vagas para estudar. Esta era uma forma de poder comprar os livros de que precisava para os seus estudos. Vivia no Douglas Smith House, na universidade, continuando no entanto a apoiar os trabalhos religiosos aos fim de semana.

Como dizia Clerc, Mondlane "marcava" sempre. Notado pelos seus colegas, a Comissão executiva do NUSAS (National Union of African Students), escolhe-o para representar os estudantes do 1.º ano numa conferência de estudantes a realizar em Julho, na cidade do Cabo, com o objectivo de estudar os problemas sociais de diferentes partes da Africa Austral, a que ele não conseguiu assistir devido a sequência dos acontecimentos que acabam por levar a sua expulsão da Africa do Sul (17).

Desde que chegara a União sul-africana, Mondlane tinha uma autorização de residência temporária, que era renovada de seis em seis meses. No entanto, houve dificuldades para a renovação da sua última autorização de residência, tendo Mondlane em Junho de 49 recebido do Departamento de migração sul-africano, uma informação de que a sua autorização de residência não seria renovada, e que não haveria possibilidade de apelo, uma vez que se tratava de uma ordem do ministro do Interior, e portanto, que ele deveria abandonar a União.

A situação de Eduardo Mondlane, impedido de poder continuar os seus estudos na Africa do Sul, repugnou a direcção da Universidade e especialmente os seus colegas, que quer através da NUSAS, quer pessoalmente, através de algumas influências, tentaram demover o Ministério do Interior. Muitos brancos tomam o partido de Mondlane, desde advogados que tentam defender a sua causa sem cobrar qualquer honorário, a pessoas singulares. O jornal "Star" de Johannesburg, solicita entrevistas a Mondlane sobre o caso, que ele recusa, para não piorar a situação. Isto, para não falar do esforço que os seus amigos da Igreja tentam para encontrar uma solução. Contudo, a apelação de Mondlane é recusada pelo Ministro do interior, a quem a NUSAS pede um esclarecimento sobre o assunto. O mais importante, é situar esta expulsão de um estudante negro moçambicano, no contexto da ideologia do Partido Nacionalista, liderado por Malan, que em 1948 ganhara as eleições, e dava passos para a legitimização do apartheid no ensino superior (18).

Temos algumas informações (19), que não foi possível aprofundar, que referem que durante a sua permanência na Africa do Sul, Mondlane teria tido ligações com o ANC e o Partido comunista sul-africano.

Anos mais tarde, interpretando o seu passado, Mondlane haveria de afirmar: "Na escola, eu vi por mim próprio quão difícil era enfrentar um sistema que discriminava os negros, e a minha expulsão pelo governo sul-africano como um "foreign native" estudante, foi outro ponto crucial (20)".

5.2.5-O regresso a Lourenço Marques e a passagem por Lisboa

Eduardo Mondlane regressa a Lourenço Marques, onde é recebido em casa de Clerc. Em Novembro do mesmo ano, depois de contactos prévios entre a Universidade de WITS e Daniel Clerc, ele consegue realizar os exames oficiais em Lourenço Marques, que lhe são enviados pela Universidade e é aprovado com sucesso.

O pequeno Eduardo, pastor de gado, que apareceu na Missão de Maússe, e veio depois para Lourenço Marques como empregado doméstico, aos olhos da sociedade não é agora mais visto como um simples indígena, mas como um estudante universitário, e assim tratado no seio da sociedade Laurentina e no seio da própria Igreja, o que a nossos olhos reflecte claramente a sociedade colonial, onde uma minoria de moçambicanos que tinha acesso a estudos secundários, ou em casos mais raros, a estudos superiores, poderia ascender ao estatuto de "assimilado" e gozar de determinados privilégios que a aproximavam dos "europeus".

Pouco depois do seu regresso a Lourenço Marques, Mondlane é detido pela polícia secreta portuguesa-PIDE, que o interrogará longamente sobre as suas ideias acerca da situação em África, e sobre as suas perspectivas futuras, onde havia já, o plano de continuação de estudos nos Estados Unidos da América, como alternativa ao curso da Universidade de WYTS.

A partir do momento em que Eduardo foi expulso da Africa do Sul, o professor Clerc, com o fundamental apoio de Randall, com quem Mondlane havia adquirido uma sólida amizade na Africa do Sul, por recomendação do seu tutor, tenta encontrar uma solução alternativa para que ele possa prosseguir os seus estudos. Randall, inicia desde então diversos contactos com instituições norte-americanas a fim de obter uma bolsa de estudos. Entretanto, Clerc aconselha Eduardo Mondlane a passar uma temporada de estudos em Lisboa, antes de ir para os Estados Unidos, aspecto que lhe facilitaria mais tarde a sua reintegração na sociedade moçambicana, quer pelo domínio da língua portuguesa, quer para facilitar os seus contactos com as autoridades coloniais, que veriam essa passagem por Lisboa com bons olhos. Acordado esse ponto, e convencidos os bolseiros americanos dessa necessidade, Eduardo aguarda que se ultimem os preparativos para a sua partida, estudando, lendo e trabalhando em Gaza e Lourenço Marques, quer na educação da juventude, quer na alfabetização, tendo mesmo acompanhado na sua digressão por Moçambique, o Dr. Laubach, que introduz aqui um novo método de alfabetização, com sucesso, conhecido depois por "método Laubach".

"Acabo de registar o meu nascimento aqui no Concelho de Cascais para fins de inscrição na universidade. Insistiram que eu fosse registado fosse de qualquer maneira(sic) não podia obter a certidão de idade que é tão importante como o próprio diploma do último ano dos liceus ou seu equivalente".

(extracto de uma carta de Mondlane a Clerc, Carcavelos, s/d 1950?)

Este extracto leva-nos a supor, que ao chegar a Lisboa em 1950, Eduardo Mondlane Não tinha ainda o estatuto de assimilado, muito embora, a sua condição de estudante universitário o tivesse elevado socialmente, já em Lourenço Marques.

Enquanto aguarda a decisão da comissão de equivalências, e antes do início das aulas, desloca-se a Suíça. A sua chegada a este país, coincide com uma reunião de jovens inscritos nas patrulhas suíças, onde a publicação da obra "Chitlangou, fils d'un Chef", Kavia sido um sucesso. Esta obra, foi escrita por André Daniel-Clerc e Eduardo Mondlane, tomando como base as notas elaborados por Eduardo, sobre a sua infância. Contudo, receoso que Mondlane pudesse vir a ser perseguido pela polícia colonial portuguesa, Clerc decide transformá-lo o nome original, Chivambo, em Chitlangou. Ao entrar em contacto com os jovens suíços, Mondlane é recebido como vítima do sistema de discriminação racial sul-africano, e simultaneamente como herói.

Regressado a Lisboa, Mondlane frequenta a licenciatura em Ciências filosóficas e históricas na faculdade de letras em Lisboa, e manifesta o seu gosto pelo estudo das cadeiras de História e Filosofia.

Residindo num Seminário evangélico em Carcavelos, continua ligado à Igreja, é membro da Comissão cultural da Junta evangélica portuguesa, a quem dá apoio. Mantém os seus contactos com os missionários suíços que a caminho de Moçambique passam por Lisboa para o estudo da língua portuguesa, e grangeia muitas amizades.

De acordo com os planos previamente estabelecidos, Mondlane deverá permanecer em Lisboa até ao fim do ano lectivo escolar, em Julho de 1951, devendo em Setembro partir para os Estados Unidos, para estudos em Oberlin College, Ohio, com uma bolsa da Phelps-Stokes, e com uma promessa de trabalho em Oberlin, nas horas vagas, para melhorar o seu orçamento.

Em Maio de 1951, Eduardo é chamado a PIDE, e interrogado sobre a sua saída para os Estados Unidos, tendo-lhe sido exigido que uma entidade idónea redigisse uma carta em que se responsabilizasse pelo seu regresso dos EUA. Esta carta foi-lhe posteriormente passada pela Missão Suíça em Lourenço Marques.

Em Lisboa, Eduardo Mondlane relacionou-se com Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Mário de Andrade, Marcelino dos Santos e outros estudantes africanos. Para o nosso protagonista, todos, excepto Neto, saíram de Lisboa por causa da difícil situação, uma vez que os portugueses se opunham demasiado a questão da independência. Por alturas da independência do Ghana, eram frequentemente abordados pela polícia e detidos. Eduardo lembra-se de ter sido abordado pela polícia e interrogado durante horas ou em alguns casos, dias. Ele guardou na sua memória, a imagem de Neto passando meses a fio, na prisão (21).

Não temos muitas fontes que ilustrem a ligação de Mondlane com os estudantes das colónias portuguesas, mas no dizer de Marcelino dos Santos e Mário de Andrade, quando os estudantes africanos das colónias portuguesas buscavam incessantemente as suas raízes africanas, Mondlane era o único que não precisava de o fazer, porque vivia embebido nelas, nunca se tinha desligado das suas

origens (22).

Durante a sua estadia em Portugal, ficou claro para Mondlane, quão importante era a sua formação em Lisboa, para se poder relacionar com as autoridades portuguesas, no seu trabalho em Moçambique. As suas cartas a Clerc, revelam a luta que ele trava consigo próprio entre o desejo de ir para os Estados Unidos continuar os seus estudos na área de Ciências sociais, e o dever de melhor servir os seus compatriotas, prosseguindo os seus estudos em Lisboa, se isso pudesse vir a ser uma vantagem para o seu futuro trabalho. Ilustraremos este aspecto com um extracto de uma carta de Mondlane a Clerc, de Carcavelos, 1954:

"A formação portuguesa só nos pode valer para as nossas relações com as autoridades(...).

(...) nos dois últimos anos estudamos psicologia juvenil e métodos de educação. Eu penso que ao lado de trabalhar no Centro Cristão havia de ajudar nos trabalhos da escola de Khovo ou Chamanculo de modo que eu proponho que me deixem estudar aqui em Lisboa até conseguir tirar a Licenciatura, e voltar logo para Moçambique e começar a trabalhar".

Ao longo da trajetória de Mondlane, está sempre patente a necessidade de servir o seu povo, embora assumindo sempre características diferentes.

Terminado o ano lectivo, e depois de ter enfrentado alguns problemas com a policia no aeroporto de Lisboa, Eduardo Mondlane parte para os Estados Unidos da América, para prosseguir estudos.

7-CONCLUSÃO

Não é fácil escrever sobre Mondlane, mas é necessário encontrar algumas determinantes sobre o seu modo de ser. Foi nesse espírito, e na base das fontes disponíveis, mesmo que limitantes, que decidimos elaborar esta proposta de periodização da trajectória daquele que foi o primeiro Presidente da FRELIMO, uma modesta homenagem a sua memória:

Educado numa família, onde se valoriza a cultura e as tradições do povo moçambicano, os actos heróicos da resistência dos antepassados contra o sistema colonial, e onde Mondlane é estimulado pela mãe e outros membros da família, a estudar para melhor poder combater o inimigo, o nosso protagonista recebe também uma educação religiosa, que o marca profundamente.

A simbiose da cultura e educação recebida no seio dos seus familiares, com a educação religiosa reflectem-se permanentemente nas análises que Mondlane faz da Igreja e sua formas de actuação, e permitem-nos confirmar a tese de Shore, de que é possível ler no seu pensamento, frequentemente, uma síntese com elementos de tese e antítese.

Na busca incessante do esclarecimento das suas dúvidas, e do combate ao dogmatismo, Mondlane inicia-se nas leituras dos clássicos do marxismo-leninismo, ainda como estudante, e aprofunda essas leituras no decorrer da sua vida. Continua ainda em aberto, e por verificar, se Mondlane postulava ou se já professava o marxismo-leninismo, como teoria de acção.

Mondlane, uma personalidade marcada pela vontade incessante de estudar, a sede de saber sempre mais e um observador atento, desenvolveu uma maneira muito própria de enfrentar a realidade, aplicando frequentemente a dúvida metodológica.

O espírito de responsabilidade que o caracteriza, o gosto pelo canto, teatro, literatura, música, e outras formas de expressão cultural, são aspectos da sua personalidade nascidas da sua educação nas patrulhas da juventude.

Mondlane soube sempre harmonizar, o trabalho manual e espiritual com o trabalho intelectual, o que lhe permitiu harmonizar também a sua formação como intelectual.

As suas capacidades para se relacionar com pessoas de todos os estratos sociais, permitem-lhe não só grangear imensas e sólidas amizades, mas também, conhecer as sociedades em que se encontra inserido.

A vontade firme de servir o seu povo, nunca se modificou ao longo dos anos da sua carreira, como catequista, instrutor das patrulhas, estudante, professor ou funcionário das Nações Unidas. Contudo, os anos de experiência, ensinaram-lhe que só havia um caminho para a libertação do seu povo, e Mondlane não

exitou em trocar uma carreira de diplomacia ou de professor de uma Universidade, pela de guerrilheiro.

Mondlane é uma fonte sobre quem há ainda muito a dizer e como tal, estamos conscientes que o trabalho que agora apresentamos é ainda lacunar. Temos porém a esperança, que os estudiosos de Mondlane, passarão também a contar com esta base, para abrir um debate sobre as teses por nós apresentadas.

Eduardo Chivambo Mondlane, como assunto de reflexão sociológica, histórica e filosófica, é inesgotável, como fonte de saber que é.

Dissémos, que é necessário destruir o mito, e reconstruir o herói, se quisermos fazer um trabalho sério sobre Mondlane. A nossa proposta, alarga-se a todos os heróis moçambicanos, por forma a evitarmos que a sua volta cresça um movimento mítico, adverso a ciência.

NOTAS

(1)-Vg.:

-REIS e MUIUANE-Datas e Documentos da História da FRELIMO. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1975.

-HENRIKSEN, T.-Eduardo Mondlane: His Political Philosophy. In: "Fourteenth Annual Meeting of the African Studies Association", Denver, 1971, pp.3-6.

-CHILCOTE, R.-Entrevista a Eduardo Mondlane. In: "Africa Today". Vol. XII, n.9, 1965.

(2)-Vg. 5.3.6 deste artigo.

(3)-"minhas mães", refere-se a mãe úterina e as outras "mães", esposas de seu pai (nota dos editores, REIS e MUIUANE, op.cit.)

(4)-REIS e MUIUANE, op.cit., pp.72-73.

(5)-Vg.: "Igrejas Protestantes e Nacionalismo". In: CRUZ E SILVA, Teresa, A Rede Clandestina da FRELIMO em Lourenço Marques (1960-1974), Universidade Eduardo Mondlane, Centro de Estudos Africanos, Maputo, 1986, pp.59-77 (mimeo).

(6)-Mintlawá, é uma palavra tsonga que significa grupos. Inicialmente inspirados nas "patrulhas" suíças, os missionários suíços e quadros da Igreja Presbiteriana em Moçambique, conseguiram criar um sistema de educação da juventude, adaptado a Moçambique e inspirado nos valores "tradicionais" dos pequenos pastores e crianças do campo, acrescidos de outros valores educacionais. Utiliza-se frequentemente a expressão patrulhas para os mesmos grupos.

(7)-Les Ntlawa du Mozambique .s/d, (mimeo).

(8)-Comunicação pessoal.

(9)-Vg. nota 7.

(10)-FERREIRA, E.S. Le Colonialisme Portugais en Afrique: La fin d'une ère; Les Effets du Colonialisme Portugais Sur l'éducation, la Science, la Culture et l'Information. Paris: Les Presses de l'UNESCO, 1974, p.67.

(11)-IBID. pp.65-66.

(12)-Vg. CRUZ E SILVA, T. op.cit.

(13)-FERREIRA, op.cit., p.71.

(14)-Vg. nota 5.

(15)-cartas de Mondlane a Clerc, arquivos do "Departamento Missionário das Igrejas Protestantes da Suíça Romana (DM)", Lausanne.

(16)-IBID.

(17)-IBID..

(18)-Vg.:TOBIAS, Phillip V., A Little Known Chapter in the Life of Eduardo Mondlane.In:"Geneva-Africa" .Vol.16, n.1, Geneve, 1978.

(19)-Há informações não confirmadas, de que a expulsão de Mondlane da África da Sul, estaria também associada a estas ligações com o ANC e Partido Comunista Sul-africano.

(20)-CHILCOTE, R.op.cit.

(21)-IBID.

(22)-Comunicação ao Seminário sobre "Ideologias de Libertação Nacional", Centro de Estudos Africanos, Maputo, 1985.

(23)-Vg.nota 15.

(24)-IBID.

(24)-SHORE, Herbert, "Resistance and Revolution in the Life of Eduardo Mondlane".In:MONDLANE, Eduardo, THE Struggle For Mozambique.Zed Press, London:1983.

(25)-Vg.nota 15.

(26)-IBID.

(27)-IBID.

-SHORE, op.cit.

(28)-SHORE, op.cit.

(29)-MAHECHE, Albino, entrevista realizada por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José e Júlio Matsimbe, Maputo, 1986.

(30)-IBID.

(31)-IBID.

-MATOS, Amaral, entrevistas realizadas por Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José, Jacques Depelchin, Júlio Matsimbe e Yussuf Adam, Maputo, 1986.

-Vg.CRUZ e SILVA, T., op. cit. pp.78-103.

(32)-CUMBA, Moisés, entrevista realizada por Teresa Cruz e Silva, 1985.